

Modernidade, religiosidade e estilo de vida: um estudo acerca das manifestações religiosas no Planalto Central do Brasil¹

ODAIR JOSÉ TORRES DE ARAÚJO*

Resumo: Este ensaio é resultado de uma pesquisa realizada em Alto Paraíso de Goiás, cidade localizada a 421 quilômetros de Goiânia e a 219 de Brasília. O objeto de nossa investigação caracteriza-se como um tipo específico de religiosidade que tem marcado a experiência com o sagrado e a espiritualidade na sociedade contemporânea. Trata-se de um modelo fluido, plural e sincrético de vivência religiosa, aqui denominado de místico-estético.

Palavras-chave: modernidade, novas religiosidades, misticismo.

A modernidade configura-se como um esforço intelectual, sobretudo, mas também socioeconômico, de romper com uma sociedade tradicional. Nesse sentido, vale ressaltar a ênfase dada na tentativa de negação de antigos valores. Historicamente levado a cabo pelos iluministas, como nos mostra Touraine (1997), trata-se da crença na racionalidade humana como potencial necessário para uma emancipação do ser, aprisionado pela metafísica religiosa da era medieval. Com base nessa noção, a fundamentação do conhecimento, a orientação organizacional da vida em sociedade e todos os demais processos que configuram a vida humana seriam prescritos, ainda que em termos de desejabilidade do projeto iluminista, por meio de um pensamento racional.

A noção seria a de que não apenas o homem, mas todos os processos relacionados à sua existência poderiam passar pelo crivo da reflexividade racional. Ao mesmo tempo em que há essa crença nas potencialidades humanas, há também o desejo de rompimento com as formas do passado que aprisionavam o ser. A idéia iluminista é a de que a razão permitiria a conquista de um novo universo humano, no qual a felicidade seria possível pelo uso sistemático do potencial racional humano. Interessante observar que a noção de modernidade estará sempre marcada pela idéia de racionalidade, de reflexividade e de sistematização. É desse modo que a ciência e a tecnologia projetam-se no cenário atual como marcas ou conquistas de uma sociedade que, às vezes, se apresenta como construído de uma racionalidade instrumental.

Diante de tal constatação e percepção desse cenário social, surge-nos uma questão importante: qual a concepção de modernidade que melhor sintetizaria todos esses processos sociais que vivenciamos na contemporaneidade? Pensamos que a resposta a essa questão pode

* Doutorando em Sociologia pela Universidade de Brasília (UnB) e mestre em Sociologia pela UnB.

1. O trabalho aqui apresentado é parte (com alterações) da dissertação de mestrado Modernidade e novas formas de religiosidade: a busca de um novo estilo de vida, defendida em 2002 no Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília.

ser dada à luz das reflexões de Giddens (1991). Assim, entendemos como modernidade um estilo de comportamento e um conjunto de valores orientados por sistemas de conhecimentos seculares, no qual surge uma incessante necessidade de renovação do que se produz. Desse modo, religião, política, ciência, tecnologia, dentre outros, deveriam compartilhar dessa idéia de mudança.

Essa forma de pensar a sociedade ocidental contemporânea impõe-nos também o desafio de compreender as diversas manifestações religiosas que têm surgido nos últimos tempos. A princípio, tendo em vista as características que evidenciamos da modernidade, a religião parece não ter espaço. De fato, muitos pensadores do social, embalados por teses clássicas da sociologia da religião, sobretudo a que se referia aos processos de secularização e desencantamento do mundo, quase que profetizavam o fim da religião.² Não cabe aqui entrar nessa discussão, ressaltamos apenas que a modernidade, tal como estamos expondo neste trabalho, não é entendida como sinônimo de eliminação da religião, tampouco o fim da religiosidade. Ao contrário, presenciamos o surgimento e a efervescência de religiosidades diversas. Mesmo em condições de modernidade, as multifaces do fenômeno religioso têm-se ampliado bastante e hoje apresentam significativas diferenças em relação a outras épocas.

Neste texto, desenvolveremos a análise de uma das multifaces do religioso no mundo contemporâneo. Enfocaremos a modernidade como estilo de vida, a fim de desenvolvermos uma comparação com o estilo de vida vivenciado por grupos religiosos que vivem em Alto Paraíso de Goiás, cidade localizada a 421 quilômetros de Goiânia e a 219 de Brasília.³ A cidade de Alto Paraíso de Goiás é conhecida nacionalmente por atrair diversos turistas, em função das belezas naturais do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros, e ainda por ser vista

por muitos indivíduos como uma cidade mística, dotada de uma energia sobrenatural. Nela encontramos grupos religiosos caracterizados por nós como “místico-esotéricos” – por este termo entendemos um conjunto de práticas e crenças mescladas com base em orientações religiosas tanto orientais, quanto de religiões tradicionais do Ocidente, passando por crenças indígenas, populares, espíritas e de origens africanas. Nesse sentido, o termo serve para designar uma sensibilidade espiritual que “inclui a crença em seres ou em uma ordem natural e sagrada, que pode envolver até a magia” (Siqueira & Bandeira, 1998, p. 260).

O interessante a observar no estilo de vida dos adeptos desses grupos é que há uma tentativa de rompimento com valores e práticas típicas da sociedade moderna. O perfil socioeconômico desses indivíduos, como nos chama a atenção Siqueira (2003), indica que são pertencentes às classes média e alta de nossa sociedade, o que nos permitiria afirmar, ainda que hipoteticamente, que o consumo de bens materiais e simbólicos da modernidade não lhes seria estranho.

Modernidade como estilo de vida

Tendo como referência, portanto, a idéia de que modernidade pode ser entendida como “estilo de vida”, elementos tais como racionalidade, ciência, tecnologia, progresso, individualidade, dentre outros, compõem-se como um conjunto de valores e crenças que norteiam, de alguma maneira, o comportamento do homem moderno. É claro que nenhuma sociedade vivenciou plenamente a modernidade, até porque, se a pensarmos sob a ótica de Berman (1986), notaremos que se trata sempre de um vir-a-ser, que jamais se completaria. Porém, todo o Ocidente tem buscado vivenciar a modernidade, o que significa aderir a um modus vivendi que privilegia, sobretudo, a racionalidade como princípio orientador de conduta.

A resignação weberiana diante da possibilidade de essa sociedade prender-se nas jaulas do estritamente racional pode não ter se confirmado plenamente. Mas encontramos fortes evidências de sua presença nos dias atuais. Basta atentar um pouco para algumas orientações de conduta que se concretizam no dia-a-

2. Sobre esse tema ver Araújo, 2002.

3. Para a realização deste trabalho, utilizamos entrevistas feitas com lideranças religiosas de oito grupos de Alto Paraíso de Goiás. As entrevistas foram realizadas por meio da pesquisa Sociologia das Adesões: Práticas Místicas e Esotéricas no Distrito Federal, do Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília, e coordenada pela professora Deis Elucy Siqueira.

dia para perceber a maneira pela qual a modernidade vai se firmando como estilo de vida. Não é difícil, por exemplo, verificar orientações que têm a ciência como principal fonte de argumentação. É dessa maneira que informações tais como cigarro provoca câncer, ou atividades físicas fazem bem à saúde, encontram sua justificativa maior no argumento científico. A ciência, dessa forma, não é apenas um sistema de conhecimento, mas também uma orientadora de conduta e, por que não dizer, a mais eloqüente das instituições orientadoras de conduta da modernidade! O interessante é que a ciência tem sua presença tão marcante no mundo ocidental moderno que até mesmo instituições como a Igreja Católica buscam seu auxílio na comprovação de um milagre.

É no laboratório médico que se tem travado a batalha final pela comprovação de um milagre. A junta médica da Congregação obedece a critérios rigorosos. Para começar, a doença tem de ter oferecido risco de vida e deve vir confirmada por todos os exames conhecidos. A cura precisa ser repentina, imprevisível e sem convalescença. O paciente não pode ter recebido nenhum tratamento médico e deve passar por um período de seis a oito anos de observação. (IstoÉ, 30/12/1998, p. 72)

O texto acima mostra-nos o quanto se tornou burocrática a legitimação de um milagre. Nesse caso, demonstrada a limitação da ciência, após vários exames, e o seu conseqüente fracasso, por não ter uma explicação racional para a cura, do ponto de vista da medicina, a Igreja fortalece a idéia do milagre. O que queremos mostrar com esse breve recorte, ainda que ele seja oriundo da mídia escrita, é a forte presença do conhecimento científico mesmo em um ambiente que é, de certa forma, sua concorrente quanto à interpretação do mundo e à orientação de conduta. Mesmo que essa presença seja para admitir o fracasso, ela torna-se fundamental, porque permite dar, nesse caso, maior credibilidade ao fato.

O contrário também pode ser encontrado em algumas argumentações oriundas de manifestações religiosas. Ou seja, argumentações que buscam ganhar credibilidade justificando-se na ciência. Agora não mais para

que a ciência admita o fracasso, mas para que confirme que de fato se trata de algo real, comprovado por uma forma de conhecimento racional e sistemático. É o caso, para citarmos um exemplo, do grupo As Cúpulas de Saint-Germain, de Alto Paraíso de Goiás, que enfatizava a idéia de que seu trabalho tinha um teor científico, conforme afirma um de seus integrantes:

[...] mas a gente é muito científico aqui, a gente trabalha muito com uma coisa prática, matemática mesmo, inclusive esta parte energética vibracional e de expansão de energia é uma matemática perfeita, é uma coisa prática, científica, a gente realmente não trabalha com suposições, com nada disto. A gente trabalha com prática mesmo, teorias comprovadamente.

[...]

A própria ciência moderna, Stephan Hopkins, todos os outros, estes loucos da física quântica, explodiram agora para comprovar tudo o que era místico, misterioso, incrível. Não é? É matemática, é científico, é palpável, é comprovável através de equações. Então, os milagres, as substâncias, as coisas que existem no planeta, a evolução, tudo comprovado através de equações, tudo é muito prático. E estes caras estão comprovando isto. (Pesquisa Sociologia das Adesões: Práticas Místico-Esotéricas no Distrito Federal/Grupo Cúpulas de Saint-Germain)

Nota-se que há uma preocupação em destacar o científico como meio de chegar à verdade dos fatos. É por essa razão que a preocupação do grupo, expressa no depoimento acima, demonstra uma certa busca de legitimidade no conhecimento científico. Não se trata apenas de querer que a ciência admita a existência do milagre ou do místico, como destacado pelo grupo. Há, nessa afirmação, uma grande confiança depositada nessa forma de conhecimento.

Trata-se, portanto, de uma sociedade marcada por ações e relações sociais que se ancoram em formas de argumentações racionais. É assim que, por meio de um conjunto de criações modernas, as relações sociais na contemporaneidade apresentam significativas diferenças em relação a épocas anteriores. O jogo de relações sociais travados na atual

sociedade encontra novos espaços de manifestação, ao mesmo tempo em que antigas instituições vão tendo seus espaços reduzidos ou pelo menos perdendo a centralidade, como é o caso da família e da religião. Muitas dessas mudanças são possíveis em virtude do aparato tecnológico criado e vivenciado pelo homem moderno.

Em condições de modernidade, afirma Giddens (1991), estabelecem-se relações que são desvinculadas do lugar. É o que o autor chama de relações desencaixadas, porque são relações que não se dão num espaço físico em si, mas propiciadas por uma série de aparelhos e equipamentos criados pela tecnologia moderna. São os veículos de comunicação, por exemplo, que possibilitam relações à distância, grandes negociações no cenário econômico mundial, bem como a existência de práticas e consumo comuns presentes em grande parte do mundo moderno ocidental e ocidentalizado. Trata-se, neste caso, de grandes marcas, que vão de roupas a forma de alimentação, permitindo, dessa maneira, um conjunto de comportamentos mais ou menos comuns a todos os consumidores dessas marcas, independentemente do lugar onde estejam. É o que se tem destacado atualmente como uma das características fundamentais do processo de globalização.

O que nos interessa sobre esses pontos, no entanto, é despertar a atenção particular para o fato de que se trata de uma conquista efetuada por meio de aparatos criados na sociedade moderna, que vão delineando um estilo de comportamento que reúne inúmeros elementos, não mais presos unicamente à cultura local. Sob esse aspecto, tem-se um fator não estritamente econômico, mas social, porque é capaz de transformar percepções acerca do mundo vivenciado, bem como de alterar o comportamento.

Ainda pensando a questão das "relações desencaixadas" de que nos fala Giddens, elas ocorrem também porque a natureza das instituições modernas está profundamente ligada ao mecanismo da confiança em sistemas peritos. Por esse termo, o autor entende "sistemas de excelência técnica ou competência profissional que organizam grandes áreas dos ambientes material e social em que vivemos hoje" (1991,

p. 35). Dessa forma, diferentemente do que acontecia em uma época pré-moderna, na qual a orientação da ação humana dava-se, sobretudo, por meio da tradição, no mundo contemporâneo, a ciência assume esse papel. Assim, a confiança depositada em sistemas peritos resulta de uma crença preliminar no aparato técnico e científico desenvolvido pela sociedade moderna.

Mas não apenas elementos como ciência e tecnologia fazem parte do *modus vivendi* dessa sociedade. É preciso chamar a atenção para um outro aspecto amplamente difundido como um valor social presente na contemporaneidade: o individualismo, tão forte e caracterizador do estilo de vida desenvolvido pela modernidade. O individualismo não é fruto da natureza, mas desenvolvido por uma forma específica de organização social que aqui estamos chamando de modernidade. Como nos chama atenção Elias (1994, p. 103),

Tanto a possibilidade quanto a necessidade de maior individualização constituem um aspecto de uma transformação social que ultrapassa em muito o controle do indivíduo. O produto dessa individualidade crescente, a maior diversidade das pessoas com respeito ao comportamento, à experiência e à composição, não é simplesmente dado pela natureza, no mesmo sentido da diversidade dos organismos humanos.

Pensar a individualização como processo social significa aceitar, em certa medida, o forte poder que a sociedade exerce na socialização do indivíduo. Não nos interessa reconstruir aqui a discussão clássica acerca da relação indivíduo e sociedade, ainda que ela seja central na sociologia e na psicologia. Queremos, no entanto, destacar que a individualidade, pensada sob a ótica da sociologia, surge como fenômeno social, resultante de transformações que aconteceram no seio da sociedade ocidental. Este parece ser um ponto interessante para se refletir, porque se trata de visualizar esse processo como um aspecto que vai sendo incorporado, como valor social, ao estilo de vida moderno.

Nas comunidades mais primitivas e unidas, o fator mais importante do controle do comportamento individual é a presença constante dos

outros, o saber-se ligado a eles pela vida inteira e, não menos importante, o medo direto dos outros. A pessoa não tem oportunidade, necessidade, nem capacidade de ficar só. Os indivíduos mal sentem alguma oportunidade, desejo ou possibilidade de tomar decisões por si ou de conceber qualquer pensamento sem a constante referência ao grupo. Isso não significa que os membros desses grupos convivam harmoniosamente. É comum ocorrer o inverso. Significa apenas que – para usar o termo que convencionamos – eles pensam e agem primordialmente do ponto de vista do “nós”. A composição do indivíduo adapta-se ao constante convívio com os outros, a quem o comportamento tem que ser ajustado.

Nas sociedades industrializadas, urbanizadas e densamente habitadas, os adultos têm muito mais oportunidade, bem como necessidade e capacidade, de ficar sozinhos, ou pelo menos de ficar a sós aos pares. Escolher por si entre as muitas alternativas é exigência que logo se converte em hábito, necessidade e ideal. Ao controle do comportamento pelos outros vem juntar-se um crescente autocontrole em todas as esferas da vida. E, como não raro acontece, os atributos da composição humana, positivamente avaliados na escala de valores sociais, são estruturalmente vinculados a outros que recebem avaliação negativa. Um desses atributos do lado positivo é o orgulho que têm as pessoas altamente individualizadas de sua independência, sua liberdade e sua capacidade de agir por responsabilidade própria e decidir por si. (Elias, 1994, p. 108, grifos nossos)

Ao contrário das comunidades ditas primitivas, de que nos fala Elias, a sociedade moderna possibilita ao homem a alternativa de “ficar só”. Essa alternativa incorporada ao hábito deixa de ser apenas uma opção e passa a ser constituída como valor social, convertendo-se, em muitos casos, como um ideal a ser alcançado. O orgulho da independência, a liberdade e a capacidade de agir por si só são hábitos que se estendem a praticamente todas as esferas da vida social, constituindo, dessa maneira, um modo de comportamento.

Em suma, toda nossa reflexão acima teve como objetivo mostrar que a modernidade pode ser vista como um estilo de vida e que, nesse estilo, é encontrado um conjunto de compo-

nentes que permitem uma séria distinção de um estilo de vida pré-moderno, fundamentado na tradição, como afirma Giddens (1991). É dessa maneira que ciência, tecnologias e processos de individualização e racionalização, para citarmos alguns, são traços marcantes dessa forma de organização social. Fazem parte do hábito dos indivíduos que a compõem.

Grupos místico-esotéricos: religiosidade e estilo de vida

A vivência de um novo estilo de vida implica, à primeira vista, algum tipo de renúncia do modo de vida anterior à adesão a um grupo místico-esotérico. É exatamente este o ponto que tentamos abstrair por meio das entrevistas realizadas em Alto Paraíso de Goiás. A questão, porém, é que se trata de adesão, não de uma associação formal como membro do grupo. Esse aspecto isenta o ator religioso de um maior compromisso, por assim dizer, com o grupo do qual faz parte. Além disso, o trânsito religioso dos adeptos entre vários grupos, o que é muito comum, pode se tornar um impedimento à observância e à prática dos preceitos de um único grupo, embora haja muitas semelhanças entre os diversos grupos quanto às orientações e crenças místicas. Vejamos isso mais de perto, com base nos relatos dos grupos, como se apresenta essa questão.

A princípio, podemos destacar alguns aspectos que fazem parte da prática dos adeptos dos grupos místico-esotéricos de Alto Paraíso de Goiás. Aspectos esses que compõem um conjunto de “práticas, métodos, produtos, terapias, hábitos, que são vivenciados como alternativos em relação ao hegemônico da sociedade: medicina alopática, religiões” (Siqueira, 2001, p. 2). O exercício da meditação e a mudança no hábito alimentar são fatores primordiais desse novo estilo de vida. Além dessas práticas, é possível observar buscas espirituais que se processam fundamentalmente com base na ação do indivíduo, tais como: harmonia com a natureza; união entre corpo e espírito; paz interior; autodesenvolvimento; autoaperfeiçoamento e autocrescimento. Há também a crítica e a negação de alguns elementos hegemônicos em nossa sociedade, como a

religiosidade institucional, tradicional, dogmática, hierárquica e clerical.

a) Hábito alimentar

Destacando primeiro o hábito alimentar, notamos que há uma preocupação central dos grupos não apenas em desenvolver um novo hábito, que privilegie os vegetais, mas também o cultivo de alimentos sem o uso de agrotóxicos e adubos químicos. Como demonstra o seguinte depoimento:

[...] meu organismo era um lixo, era um depósito de lixo, porque eu fiz de meu corpo uma lixeira, eu fumava muito, eu bebia, eu não tinha horário pra dormir, eu comia mais fritura que qualquer outra coisa. Churrasco quanto mais viesse de preferência sangrando, e nessa mudança de vida meus hábitos foram mudados radicalmente, sem eu desejar, sem eu pedir, sem eu buscar, instantâneo, tipo assim: hoje faço churrasco, eu como, me delicio, maravilhoso, quando é de noite passo mal, vomito, me acabo, no dia seguinte não suporto ver carne e nunca mais comi carne e daí primeiro foi a carne de vaca e depois a carne de frango, atualmente eu não como bicho algum, nem peixe, foi bicho eu não como [...]. Então eu acho que eu tenho mais é que plantar minha soja, minha cenoura, minha beterraba, comer do que eu produzo. (Pesquisa Sociologia das Adesões: Práticas Místicas e Esotéricas no Distrito Federal/Grupo Tarefairos do Forte Cinco, grifos nossos)

A vivência desse novo estilo de vida implica uma espécie de “conversão”, de mudança de hábito, a fim de que o corpo possa reagir positivamente aos novos preceitos. A mudança do hábito alimentar não é buscada somente por razões de saúde física, mas também porque há a necessidade de purificação do organismo, a fim de que sejam possíveis a união entre corpo e espírito, bem como a harmonia com a natureza. É assim que o grupo Cavaleiros de Maytrea entende que o equilíbrio que busca passa por uma alimentação que não agrida o corpo. Nas palavras de um dos seus adeptos:

Eu vim de São Paulo trabalhando numa indústria química, eu conhecia o quê? Herbicidas, agrotóxicos; morando aqui, após seis meses de chuva, o capim crescia mais do que a

minha casa. Qual foi a minha primeira idéia? Eu vou ligar lá pra fábrica e pedir pra eles enviar um herbicida; olha a minha desarmonia com o reino elemental; ao invés de eu trabalhar o elemental de meu quintal, de minha casa, para que aquela erva daninha não cresça lá, eu ia jogar agrotóxicos em cima. [...]. Então a gente precisa saber trabalhar o elemental do nosso corpo, comer produto natural ou você vai comer produto cheio de química? O que é melhor para o seu corpo? Então você vai achar o equilíbrio, o caminho do meio. (Pesquisa Sociologia das Adesões: Práticas Místicas e Esotéricas no Distrito Federal/Grupo Cavaleiros de Maytrea)

O reino dos elementais, um universo povoado de gnomos, duendes e salamandras, manifestar-se-ia na natureza e estaria presente também no próprio corpo. Eis a razão pela qual seria justificada toda a preocupação com a alimentação saudável e com a natureza. Caso não houvesse a observância desse preceito, poderia acontecer de a “energia divina desqualificada pelo reino humano estourar no reino elemental” (Cavaleiros de Maytrea).

E aqui a gente tem um carinho grande com a natureza: não usamos agrotóxicos nenhum nas plantações. Evitamos, tentamos o máximo não usar adubo químico, mas não conseguimos evitar, mas o que a gente pode fazer só com o adubo orgânico a gente faz. (Pesquisa Sociologia das Adesões: Práticas Místicas e Esotéricas no Distrito Federal/Grupo Cidade da Fraternidade, grifos nossos)

Então, fica muito incoerente, dentro do nosso ponto de vista, de que uma pessoa está buscando a luz, está buscando uma compreensão maior, está buscando uma porção de coisas, não está nem aí para o próprio corpo. Vai lá come um churrasco, bebe não sei o quê, uma série de coisinha assim... às vezes a gente participa, aí, de congressos e vamos nos almoços dos congressos espiritualistas. Ah! Tem pessoas que tem muito conhecimento, e você, que tem conhecimento, você vê elas comendo assim, coisas e outras. E a gente considera comendo lixo, comendo morte. (Pesquisa Sociologia das Adesões: Práticas Místicas e Esotéricas no Distrito Federal/Grupo Arcádia Irmandade da Luz Solar, grifos nossos)

A mudança no hábito alimentar apresenta-se, dessa maneira, como imprescindível à vivência do novo estilo de vida, porque se trata da renúncia de um hábito anterior que prejudicava, sob essa ótica, o próprio organismo. “A gente considera comendo lixo, comendo morte.” O impacto dessa afirmação, que anuncia toda a preocupação do grupo, reflete a necessidade da mudança, sair do estado que provocaria a própria morte, leia-se não morte física apenas, porque, assim como os Cavaleiros de Maytrea, todos os grupos têm a preocupação com os hábitos alimentares que, para eles, estendem-se ao aspecto do supra-sensível. A harmonia com a natureza, a busca de paz interior, nesse sentido, passa por essa preocupação com o corpo e a natureza. Não usar agrotóxico significa respeitar e, sobretudo, buscar selar a harmonia com a natureza.

b) Meditação como ritual religioso

O fato de os grupos místico-esotéricos terem a liberdade de absorver inúmeros valores, crenças, símbolos, significados e práticas de diversas doutrinas religiosas reflete diretamente no tipo de ritual característico dos grupos. Há uma predominância da meditação como o ritual religioso. Ainda que não seja ela vista categoricamente enquanto tal, a religiosidade dos adeptos é percebida por meio da prática da meditação. Sob a orientação de doutrinas orientais, os grupos desenvolvem um tipo de religiosidade que permite uma relativa liberdade quanto à maneira de vivenciar sua espiritualidade. É nesse ponto que a prática da meditação ganha notoriedade, porque se trata de um ato predominantemente individual – ainda que, em muitas das circunstâncias, seja praticado em grupo –, de um momento no qual o indivíduo necessitaria entrar em contato consigo mesmo, com seu ego, enfim, com sua “dimensão interior”.

É por meio do ritual que se torna possível perceber, de maneira mais precisa, o aspecto religioso dos grupos. Aqui notamos de início significativas diferenças em relação às orientações das religiões tradicionais. As diferenças localizam-se principalmente na liberdade que o indivíduo tem de vivenciar a sua religiosidade conforme seus próprios interesses. Porém,

recebe por parte das lideranças o melhor meio de exercitá-la. Além da meditação, verifica-se também que há uma forte presença da doutrina espírita. Isso se explica, em parte, porque muitas das lideranças religiosas têm ou já tiveram uma forte ligação com a doutrina espírita. Contudo, em Alto Paraíso de Goiás, esse tipo de religiosidade tem o mesmo valor que as doutrinas orientais, por exemplo. São agregadas ao conjunto de orientações diversas, compondo o conjunto ritualístico dos grupos. É o caso, por exemplo, do grupo Associação Holística Vale do Sol, no qual verifica-se que a doutrina espírita estende-se aos rituais. Uma liderança desse grupo acredita incorporar o Dr. Fritz.

[...] e eu estou evitando um pouco a imprensa ainda, porque eu sou um cara que não tenho cultura nenhuma, o Dr. Fritz escolheu um cara aí que só tem o 3º ano primário, que sou eu, não sei falar nada de ciência, de nada; só na hora ele me toma... e daí ele conversa em termos científicos, fala qualquer idioma, todos os idiomas ele fala. (Pesquisa Sociologia das Adesões: Práticas Místicas e Esotéricas no Distrito Federal/Grupo Associação Holística Vale do Sol)

Segundo a liderança entrevistada, Dr. Fritz teria orientado a construção de um hospital interplanetário, cuja obra já havia sido iniciada, e seria nesse ambiente que um tipo de ritual religioso ia ser realizado. Um ritual livre, no qual as pessoas simplesmente fariam suas orações, seus pedidos, sem que houvesse um rigor doutrinário na sua execução.

Talvez porque o ‘hospital interplanetário’ ainda está sendo construído, e ‘[...] só a base do hospital que está pronta[...]’, não existe um ritual mais complexo no que diz respeito ao serviço oferecido: ‘[...] o pessoal vai lá no hospital, no miolo e senta no chão, faz a sua oração, se liga; daí a pouco a pessoa não sente mais nada e vai embora[...]’. (Pesquisa Sociologia das Adesões: Práticas Místicas e Esotéricas no Distrito Federal/Grupo Associação Holística Vale do Sol)

Novamente, o que se percebe é que o indivíduo é figura central não somente no que se refere à idéia de livre-arbítrio, presente em

outros grupos, como veremos à frente, mas também na própria execução de sua religiosidade. É interessante observar esse aspecto da liberdade que há quanto ao exercício da religiosidade à maneira de cada um, porque, mesmo tendo todos os preceitos a serem seguidos, conforme a orientação de cada grupo, não se verifica uma cobrança exacerbada quanto às suas práticas, ficando por conta do adepto a preocupação em seguir os ensinamentos – é neste ponto que entra a idéia de livre-arbítrio. Talvez seja também esta uma das razões de a meditação, com suas várias formas de manifestação, ser tão marcante como “ritual”, porque, como citado acima, trata-se de uma prática que envolve o indivíduo precisamente, sem a necessidade de que haja um grupo para execução do ritual. Outro ponto que explica a razão de a meditação ser tão marcante entre os grupos é a forte influência de doutrinas orientais.

Falando sobre as características da meditação, uma liderança informa:

Ele [Buda] fala que são três elementos básicos a nível técnico. Uma você sentar relaxadamente, o segundo, você observar sua respiração e a terceira não julgar. Tudo que acontecer a sua volta ou dentro de si, você não segue, você deixa o pensamento correr, você deixa os fluidos correrem, você não interfere, porque são encargos da fluência da inteligência. (Pesquisa Sociologia das Adesões: Práticas Místicas e Esotéricas no Distrito Federal/Grupo Osho)

“Meditação, meditação...”, enfatiza o grupo Osho como ponto máximo da sua experiência religiosa. Como veremos à frente, é por meio dessa prática constante que os grupos procuram enfatizar a possibilidade de encontrar a verdadeira harmonia com a natureza e consigo mesmo. Exemplo dessa idéia está no relato de uma liderança do grupo Instituto Solarion, que, por meio da meditação, afirma, conseguiu afastar as cobras das proximidades da sua residência.

Então, num ano eu fiquei aqui já várias vezes, um mês e meio direto, sozinha, não via quase ninguém, e eu fazia um trabalho com as cobras, aqui é um lugar cheio de cobras. Então eu fiz um trabalho com meditações e as cobras ficaram quietinhas e se afastaram [...].

O caseiro anterior à minha chegada disse que matava mais de dez cobras por semana, venenosas. Aí eu disse que nós íamos fazer um trabalho espiritual, que não podia matar animais e depois que eu fiz uma meditação no Rio, aí quando eu voltei depois, dois meses depois, o caseiro disse que três dias depois que eu tinha ido embora, tinham sumido as cobras. (Pesquisa Sociologia das Adesões: Práticas Místicas e Esotéricas no Distrito Federal/Grupo Instituto Solarion)

Assim como a preocupação em não usar agrotóxicos para não afetar a natureza e o corpo humano, há também a preocupação com os animais, mesmo aqueles que, porventura, venham a ser nocivos ao homem, como as cobras venenosas. Nesse caso, o trabalho espiritual seria responsável pela convivência pacífica entre homem e natureza, sem a necessidade de destruição.

As práticas são diárias, nós fazemos três vezes essa meditação por dia, às sete da manhã, às doze e quarenta e cinco e às dezenove e quarenta e cinco. Nesse local, que a gente divide a sala aqui no ambiente, divide o santuário e o refeitório. A gente faz essas meditações diariamente. (Pesquisa Sociologia das Adesões: Práticas Místicas e Esotéricas no Distrito Federal/Grupo Cavaleiros de Maytrea)

Olha, quando a pessoa chega, ela vai direto ao triângulo [...], então a pessoa chega, toma um lanche, um suco, alguma coisa e a gente vai fazer a trilha que é uma meditação que a gente faz, durante o percurso da trilha a gente não conversa, procura-se observar, tem pessoas que conseguem enxergar o que tá ali, e essa trilha nos leva ao triângulo.

[...]

a gente senta na posição de yoga, num círculo que é o centro do triângulo e que é onde a gente e outras pessoas reconhecem bem o tubo que no caso nos permite uma meditação cósmica, então é como você imagina assim uma mangueira de aspirador de pó, só que aquilo amplificado, tá? Ligando aonde as suas vistas não alcançam, então pra quem tem a vidência você vê o tubo, eu, por exemplo, eu vejo perfeitamente o tubo, e você olha até onde você consegue, olha e não vê o fim dele, você dentro desse círculo é reabastecido de uma forma, você ganha uma alegria assim que você não sabe

explicar. Têm pessoas que choram, têm pessoas que cantam, depende do lance de cada um, a reação é diferente de uma pessoa para outra, têm pessoas que começam abrir a boca assim que dormem ali mesmo, dá uma cochilada, deita no chão e dorme, entendeu? Já outras pessoas ficam elétricas, então vai muito de cada um, esse é o serviço do triângulo aonde nós não fazemos nada, a não ser querer bem aquela criatura que tá precisando de tratamento e rezar pra que ela obtenha a graça da cura que ela tá procurando. (Pesquisa Sociologia das Adesões: Práticas Místicas e Esotéricas no Distrito Federal/Grupo Tarefairos do Forte Cinco)

É, sem dúvida, a meditação a forma mais marcante de expressão da religiosidade místico-esotérica como ritual. Os preceitos religiosos são assim alcançáveis por meio dessa prática, que ora se confunde com a própria idéia de oração ou reza.

Em suma, o que podemos retirar de todos esses relatos é que, de fato, estamos tratando de um tipo de religiosidade fluida, que não sobrecarrega o indivíduo de prescrições que exijam dele a “renúncia do mundo”. O contraponto, nesse caso, seria o puritano asceta de que nos falava Weber (1985) em seu estudo sobre a ética protestante, aquele que faz uma renúncia radical do mundo. Diferentemente dos adeptos das práticas místico-esotéricas, o que se vê é a tentativa de construção de uma religiosidade conforme os anseios do próprio indivíduo, sem a necessidade de ele se desvincular totalmente do mundo, ou da sociedade moderna. Portanto, a meditação como ritual religioso reflete um tipo de religiosidade centrada no indivíduo, fundamentada num sincretismo de crenças e simbologias diversas, sem que haja um rigor doutrinário e dogmático.

c) Buscas “espiritualistas” e livre-arbítrio

A tentativa de construção de um novo estilo de vida dos grupos místico-esotéricos de Alto Paraíso de Goiás não passa somente pelo desenvolvimento de algumas práticas, como as discutidas acima. Implica também diversas buscas, às quais atribuímos aqui a qualidade de buscas “espiritualistas”. Trata-se, na verdade, de uma busca que se processa com base no comportamento dos indivíduos. Essas buscas

são desenvolvidas não apenas como fazendo parte de algo que se processa no mundo sensível. Seria mais uma procura que, ainda que se torne mais perceptível por meio do comportamento do indivíduo, tem, no entanto, intenções outras que se relacionam com o supra-sensível.

Tem a busca espiritual, que hoje em dia parece que todo mundo tá se desesperando por um caminho, é um sintoma eu acho de fim de mundo, assim das pessoas estarem mais alertas, mas tem principalmente as procuras de problemas físicos ou por vamos dizer, vida atrapalhada, aquela história assim, ah, porque fizeram alguma coisa pra mim, ah, porque meu filho não dorme de noite, meu filho briga à noite toda, esse tipo de coisa, então varia muito, muito, tem gente que tá com a obsessão, ou seja, tem um espírito dividindo aquele corpo ou seu espírito, a sua alma. Já outras pessoas tão perdendo energia.

[...]

a nossa busca hoje é pelo nosso aperfeiçoamento, é sentir melhor uma árvore, sentir melhor uma borboleta[...]. (Pesquisa Sociologia das Adesões: Práticas Místicas e Esotéricas no Distrito Federal/Grupo Tarefairos do Forte Cinco, grifos nossos)

Apesar de não se tratar unicamente de uma busca espiritual, o que se nota é que há uma predominância quanto a esse aspecto. O fato de as pessoas estarem “desesperadas por um caminho” seria um dos fatores responsáveis, para esse grupo, por essa busca espiritual. A religiosidade, sob esse prisma, permite, como diria Berger (1985), a nominação do mundo, ou seja, ela dá sentido à vida, ordena e reestrutura o mundo. É dessa maneira que se verifica a constante preocupação com o auto-aperfeiçoamento, o autocrescimento e o autodesenvolvimento. Ao mesmo tempo, a prática individual, o próprio comportamento do indivíduo que materializa essa busca, permitiria uma maior harmonia com a natureza. Por essa razão, o ambiente de Alto Paraíso, e toda a Chapada dos Veadeiros, proporcionaria, sob essa ótica, a efetivação dessa busca, porque se trata, na percepção dos adeptos de práticas místicas e esotéricas, do lugar ideal, com condições propícias à vivência dessa nova forma de espiritualidade e religiosidade.

Nesse processo, a existência do grupo tem como objetivo contribuir com o indivíduo nessas buscas, mas acreditam que o livre-arbítrio é que de fato comanda as ações. Portanto, a tarefa do grupo ou dos grupos seria a de ajudar o indivíduo a encontrar o seu caminho, mas ele mesmo é quem deverá percorrê-lo.

Então a gente tem que saber trabalhar o elemental do nosso corpo, comer produto natural ou você vai querer comer produto cheio de química? O que que é melhor para o seu corpo? Então você vai achar o equilíbrio, o caminho do meio. Tudo isso que estou te falando é equilíbrio, caminho do meio. Discernimento. Livre-arbítrio, você escolhe. Você quer caminhar, você não quer; quando vai, que estrada você escolhe, que velocidade você vai; quem você vai levar junto, quem não você quer deixar pra trás, tudo em seu livre-arbítrio. (Pesquisa Sociologia das Adesões: Práticas Místicas e Esotéricas no Distrito Federal/Grupo Cavaleiros de Maytrea)

O caminho do meio, o equilíbrio buscado seria alcançado, dessa maneira, pelas escolhas que o próprio indivíduo viesse a efetuar em sua vida. O livre-arbítrio, nessa acepção, passaria pela responsabilidade do próprio indivíduo por tudo o que ele estaria passando, seu sucesso ou insucesso, felicidade ou infelicidade seriam resultantes de suas próprias ações. Isso valeria não apenas para o aspecto religioso e espiritual, mas para toda as facetas de sua vida.

A sua evolução espiritual. Ninguém vem para cá ganhar dinheiro, ao contrário, porque aqui não tem espaço para isso. Se fosse para ganhar dinheiro a gente ficava em São Paulo. Nós não pedimos nada, não fazemos ficha, não perguntamos o nome, se alguém chegar aqui, se identificar com o trabalho e isso acontece. Porque, essas pessoas têm o compromisso nessa vida de evoluir espiritualmente, vem participar do lucro, não precisa pagar mensalidade, não precisa fazer doação, não precisa fazer nada, todos são livres, porém os mestres passaram para a gente as orientações e essas orientações são seguidas. (Pesquisa Sociologia das Adesões: Práticas Místicas e Esotéricas no Distrito Federal/Grupo Cavaleiros de Maytrea, grifos nossos)

Crise de conexão, de autoconhecimento, o homem se afastou muito da natureza dele, a natureza é muito perfeita, é muito harmônica, é muito boa, de alguma forma se afastou disto e acreditou numa coisa muito doida. Acreditou que não era perfeito, que não é, que não era perfeito, que não é, acreditou na limitação. [...]

Normal, se dedicar a isso, se dedicar ao autoconhecimento, se dedicar ao auto-aprimoramento; se dedicar a ser sol, você. Se você se dedicar a isso e se transformar num sol, pronto, todo mundo se dá bem. Qualquer lugar, fazendo qualquer coisa. (Pesquisa Sociologia das Adesões: Práticas Místicas e Esotéricas no Distrito Federal/Grupo Associação Cúpulas de Saint-Germain)

A harmonia com a natureza, a união entre corpo e espírito, a paz interior, o autodesenvolvimento e o auto-aperfeiçoamento são todas buscas individuais. Isso não eliminaria a importância dos grupos, porque eles funcionariam como auxiliares nessas buscas.

No entanto, a crença de que o indivíduo é o responsável pelas suas ações, essa crença no livre-arbítrio marca um tipo de religiosidade individualista, a ponto de ver a própria figura do indivíduo como possibilidade de ser Deus.⁴ "Nós somos deuses, todo mundo é Deus. Deus está em tudo", afirma uma liderança da Associação Cúpulas de Saint-Germain. Não haveria, para esse grupo, bem como para a totalidade ou maioria dos grupos, a noção de separação do sensível e supra-sensível, ambos estariam holisticamente ligados. Essas noções colocam em destaque a figura do indivíduo, passando ele a ser o personagem central da religiosidade místico-esotérica.

d) Previsões apocalípticas e crença em seres superiores

Não raro as idas para Alto Paraíso e a crença de que se trata de um espaço dotado de poderes especiais, como uma poderosa energia cósmica, passam por previsões apocalípticas do

4. Essa idéia reafirma os pontos destacados por Elias (1994), quando esse autor nos chama atenção para o fato de que, na atual sociedade, a liberdade e a capacidade de agir por responsabilidade própria e decidir por si são valores que se transformam em exigências do modo de vida do homem contemporâneo.

mundo contemporâneo. Essas previsões vêm reforçar a crença não só de que Alto Paraíso é o chakra cardíaco do planeta,⁵ como também lá seria um ponto de resgate, uma espécie de “Arca de Noé”. Na esteira dessas previsões, verifica-se a crença na existência de seres superiores, que habitariam outros planetas. É comum, em Alto Paraíso de Goiás, vermos pessoas que acreditam na existência de extraterrestres – muitos afirmam categoricamente que já avistaram algum objeto voador não-identificado (OVNI). O interessante dessas crenças é que as previsões apocalípticas unem-se à crença na existência de seres de outros planetas. Vejamos esses pontos nos próprios depoimentos dos entrevistados.

O lugar que a gente fala não é aqui em casa, é o Morro da Baleia [...], essa região à direita da estrada, é chamada nos meios esotéricos de Forte Cinco, ou seja, existem sete pontos de resgate do Planeta, pontos de sobrevivência, pontos de Arca de Noé, existem sete Arcas de Noé, este é um ponto, esse é o ponto Cinco, eu posso te dar depois os outros Quatros, o Seis e o Sete até hoje não me foi dito, eu desconheço. Nessa região aqui, toda a população do Centro-Oeste, porque Brasília ela vai sobreviver, mas ela não vai resgatar, ela não é Arca de Noé, ela é apenas um ponto que não vai alagar, e essa base cinco é exatamente na Região Centro-Oeste, é o ponto da Região Centro-Oeste, tem um ponto no Roncador, os outros pontos depois eu te falo, só lugares mágicos, mágicos mesmo. (Pesquisa Sociologia das Adesões: Práticas Místicas e Esotéricas no Distrito Federal/Grupo Tarefairos do Forte Cinco)

A região dos cerrados surge, sob essa ótica, como sendo um dos lugares destinados a resgatar as pessoas de um grande alagamento que destruiria grande parte do planeta. Essa crença é confirmada pelos adeptos tendo como referência notícias jornalísticas sobre os problemas que o ecossistema planetário vem sofrendo nos últimos anos, como consequência da degradação do meio ambiente.

Esta é, inclusive, uma das razões que justificariam toda a preocupação com a natureza. Ainda que a vejam sob uma ótica místico-religiosa-espiritualista, a preocupação com a preservação ambiental passa também pela preocupação com a preservação da própria raça humana. É, nesse sentido, uma preocupação que não se limita somente ao aspecto místico, mítico, religioso e espiritual, mas também ao mundano e humano.

A gente cada dia fica mais encantada com as provas que acontecem, sei lá com a melhor maneira que a gente encontrou. A gente vê jornal, por exemplo, eu vejo muita coisa no jornal, eu sou jornalista, se vê coisa na televisão que a gente olha e pensa será que só temos nós, por que tão fazendo isso, é cretino demais. O mundo tá acabando e esses povos ainda tão assim, você viu dá ontem, você não viu a reportagem? A reportagem desse tamanhinho, como toda reportagem importante depois disso oh, tudo fechado, existe um vulcão na ilha das Canárias que está entrando em erupção e se esse vulcão entrar em erupção ele vai primeiro rachar as paredes dele, além do que ele vai jogar de lavas, ele vai se desestruturar muito, por que é ilha, e com isso ele vai colocar matérias no oceano e pelo quantitativo dessa matéria, ele vai provocar uma superonda, a matéria vai provocar uma superonda, uma onda que de acordo com os cientistas vai entrar no mínimo de dez km de todo o litoral brasileiro, eu peguei o mapa, eu não sou só assim bruxa não. Eu peguei o mapa olhei, você pode se basear pela BR-101, da BR-101 pra fora acaba tudo, não sobra nada, agora essa matéria foi dada na Rede Globo, no Fantástico e depois disso oh, frio, porque muitas coisas se sabem, mais nada se pode dizer, pra não causar pânico, se o governo chega e assume isso e se isso se torna uma matéria igual ao apagão, se fala todo dia, o que que vai acontecer? Vai inchar o interior, por que vai todo mundo sair correndo, isso a gente já sabia muito tempo que ia acontecer. Ninguém acreditava, na nossa família todo mundo acha que nós estamos enganados e a gente tem dado provas dia após dia, olha lá aquilo que eu falei, lembra daquilo? Olha ali. (Pesquisa Sociologia das Adesões: Práticas Místicas e Esotéricas no Distrito Federal/Grupo Tarefairos do Forte Cinco)

5. “Chakra, sânscrito, significa roda, plexo. A anatomia e fisiologia hindus ensinavam que o corpo humano tem sete chakras principais, desde a base da coluna vertebral até o alto da cabeça. Utiliza-se a mesma compreensão para a Terra, que teria vários chakras. O chakra cardíaco seria onde bate o coração do planeta” (Siqueira, 1999, p. 95).

Um problema ecológico, de abrangência mundial, estaria prestes a ocorrer e essa região dos cerrados seria um dos pontos do planeta que não sofreria com a mudança. Por essa razão, a crença de que se trata de um ponto de resgate, de uma “Arca de Noé”, porque permitiria o salvamento dos que ali estiverem.⁶ Aqui se une a informação jornalística, sob a tutela do argumento científico e racional de que há a possibilidade da catástrofe, com uma interpretação do fenômeno que foge da explicação científica e passa pela interpretação mística. A fonte, porém, de informação e explicação, segundo o depoimento, advém do argumento científico. Contudo, a leitura do fenômeno passa pelo crivo das crenças que permeiam o imaginário do grupo. Estariam a salvos e mostram às pessoas que não estão enganados, porque as notícias denunciariam suas previsões anteriores. Esse raciocínio é fundamental, porque enfatiza a crença, dando-lhe um caráter de credibilidade, já que suas previsões estariam sendo confirmadas pela mais poderosa fonte de conhecimento da modernidade, a saber, a ciência.

Alto Paraíso é o chakra cardíaco do planeta. E aqui tem todas as prioridades de cura e ele [Dr. Fritz] já tinha este programa, este trabalho com o Planalto Central e ele queria construir aqui um hospital interplanetário, porque ele já tinha uma ligação com estes seres que é de um planeta chamado Kremer e estes seres são seres que o planeta deles era idêntico ao planeta Terra. A mesma coisa, os mesmos problemas que nós passamos agora, eles passaram no passado e eles superaram tudo isso através do amor, amor incondicional. Então, este planeta, ele é um amor incondicional, então, ninguém tem mais nada que ninguém e ninguém necessita de mais nada, todos têm o que necessitam para a sobrevivência e eles viram o nosso problema terráqueo muito aquém, e a humanidade sofrendo pressões, e muito desnível social e muita marginalidade e criminalidade no planeta.

6. Segundo o grupo Tarefairos do Forte Cinco, haveria sete pontos de resgate no planeta, sendo dois desconhecidos do grupo. Os pontos de resgate conhecidos pelo grupo seriam: Santiago de Compostela (Espanha); Machu Picchu (Peru); Serra do Roncador – Vale dos Sonhos (Mato Grosso – Brasil); Serra do Cipó (Minas Gerais – Brasil), e Chapada dos Veadeiros – Serra da Baleia (Goiás – Brasil).

Aí, eles me disseram o seguinte, pelos contatos que eu tenho com eles: que estes seres que estão matando, no planeta Terra, é devido a um problema kármico. São seres que já sofreram estas mesmas conseqüências e estão fazendo o mesmo que já fizeram com eles, por vingança e ódio. [...]. Então eles resolveram ajudar.

[...]

Então, este trabalho que a gente está fazendo com estes seres espirituais, poucas pessoas compreendem isto, o nosso planeta ainda não está clarificado, no nosso planeta as pessoas não estão clarificadas ainda para entender o que é um ser de outro planeta, como ele age e o que ele quer aqui. E na realidade é o seguinte: o que eles querem aqui é que o planeta Terra se evolua. [...]. Falam também sobre catástrofes, estão preocupados com problemas atômicos. (Pesquisa Sociologia das Adesões: Práticas Místicas e Esotéricas no Distrito Federal/Grupo Associação Holística Vale do Sol)

A noção de salvação, termo que historicamente é utilizado para diferenciar o surgimento das religiões em que há separação entre o “sensível” e o “supra-sensível”, à diferença da magia, na qual não havia essa separação, parece não se manifestar nas crenças dos grupos místico-esotéricos de Alto Paraíso de Goiás. A noção de evolução substitui a noção de salvação, porque não haveria, sob essa ótica, a necessidade de deixar este mundo, por meio da morte, para alcançar a salvação. A busca, na verdade, é pela perfeição, pela evolução, noção que logo é estendida à crença na existência de seres que habitariam outros planetas mais evoluídos que a Terra. A própria noção de Deus ou divindade, sob esse aspecto, sofre uma interpretação semelhante, chegando até mesmo a se ter uma interpretação de que nós somos deuses, como já apresentado acima quando comentávamos a respeito do livre-arbítrio.

Deus é evolução. É infinito. Nunca se chega a Deus. Deus é o ser Supremo. A gente acha que nós temos a essência de Deus. E como Deus é tudo, é tudo, nós temos em essência a pureza, a perfeição. Só que ela precisa ser desabrochada, ancorada e isso vai na eternidade. (Pesquisa Sociologia das Adesões: Práticas Místicas e Esotéricas no Distrito Federal/Grupo Cidade da Fraternidade)

A noção de que Deus é evolução, ou mesmo de que nós somos deuses, leva em conta a idéia da necessidade de os seres humanos se preocuparem com a própria evolução, ancorada na busca do auto-aperfeiçoamento. Com base nessa crença, a Terra passa a ser vista como uma espécie de planeta-escola ou sala de aula, no qual as pessoas deveriam usar o tempo que aqui se encontram para resolver seus karmas.

Porque a gente acha que no universo são vários planetas e que Deus trabalha, mais ou menos nesse sentido, evoluindo os seus filhos, sua criação e passando de planeta a planeta. No planeta é como uma sala de aula, você aprende tudo o que tem ali; aprendeu tudo, então, passa para outra sala de aula, então a gente vê os planetas como uma sala de aula. (Pesquisa Sociologia das Adesões: Práticas Místicas e Esotéricas no Distrito Federal/Grupo Cidade da Fraternidade)

O planeta Terra é um planeta-escola e, ao mesmo tempo, um planeta-prisão. Uma prisão-escola pode-se dizer. E ela foi criada pra isso: pra poder receber esses seres. Tudo no universo funciona com vida, né? Tem um período que você vai terminar um ciclo e iniciar outro. Então existem esse expurgos, ou limpezas. Aqueles que se purificaram, que entenderam e desenvolveram em si mesmo o que a gente chama de "Consciência da Unidade". De que ele e todo universo são uma coisa só e não tem nada que ele faça que não afete, de alguma maneira, um ser que tá lá, numa distância muito grande. (Pesquisa Sociologia das Adesões: Práticas Místicas e Esotéricas no Distrito Federal/Grupo Arcádia Irmandade da Luz Solar)

A necessidade de permanecermos neste planeta seria não só a de evoluir, como também seria parte desse processo, a resolução, a limpeza, a queima dos karmas. Esta é uma noção que advém das religiões orientais e que está presente em grande parte dos grupos de Alto Paraíso. É por essa razão que o planeta Terra passa a ser visto como se fosse uma sala de aula, ou escola-prisão – aqui aprenderíamos o caminho da evolução e da purificação e da queima dos karmas que nos acompanham.

A idéia de karma é bastante comum a todos os grupos e vincula-se à idéia de causa e efeito.

'Até uma folha de uma árvore que cai tem uma causa'. Os comportamentos humanos acumulados nessa vida e nas encarnações anteriores transformam-se em 'ganhos' ou 'pagamentos', inexoravelmente. Cada vida – encarnação – seria uma chance de 'limpeza do karma'. Nesse processo, são fundamentais as práticas de autoconhecimento, crescimento espiritual e de aproximação com Eu Superior de cada um [...]. As pessoas, as regiões, os países estariam sempre, em alguma medida, 'cumprindo karmas', em um movimento de 'limpeza'. (Siqueira & Bandeira, 1998, p. 274)

O caminho da evolução passaria assim pela limpeza, ou queima do karma. Usar essa vida para essa busca, de auto-conhecimento e perfeição, seria fundamental para gozar de paz interior, da união entre corpo e espírito. Nesse processo, estar na presença da natureza, ou melhor, estar em harmonia com a natureza seria fundamental, porque tudo estaria ligado e, por meio dessa busca, é que se tomaria "Consciência da Unidade". Cada indivíduo passa a ser visto como elo de uma grande corrente. Por essa razão, cada ação particular teria efeito para o todo, que, nesse caso, seria o próprio universo.

e) Importância dos cristais

Não verificamos, entre os grupos místico-esotéricos de Alto Paraíso de Goiás, a noção explícita de sagrado, conteúdo imprescindível na definição de religião tradicional. Mas é bastante perceptível a idéia de que a região dos cerrados é concentradora de uma poderosa energia cósmica e sobrenatural. Uma das razões para tal estaria no fato de ser uma região concentradora de um mineral que emanaria essa poderosa energia. Trata-se do cristal.

O interessante a observar, na visão dos adeptos dos diversos grupos, sobre esse mineral é que muitas vezes a percepção de que o cristal, como objeto possuidor de grande potencial energético, é visto também como um objeto com potencialidades do sagrado. Mas aqui, vale ressaltar, não se tem uma noção rígida de sagrado como nas religiões tradicionais. Trata-se, na verdade, de uma atribuição de significado, que permite visualizar esse mineral como um objeto dotado de poderes mágicos e, talvez por essa razão, poderíamos dizer que seja um objeto

sagrado, mas de maneira não polarizada, sem o peso que essa significação sofreria com base em uma noção cristã, por exemplo.

Há rochedos sagrados, animais sagrados, afirma Berger (1985). A idéia de sagrado é entendida por esse autor como a qualidade de poder misterioso e temeroso, que são atribuídos, por sua vez, a certos objetos, pessoas ou coisas. É sob essa ótica, de visualizar o cristal como dotado de um poder mágico, misterioso, de uma poderosa energia, que nos é possível indicá-lo como uma espécie de objeto sagrado. Sob esse prisma, a importância da região da Chapada dos Veadeiros estaria, fundamentalmente, no fato de ser ela uma grande concentradora de lençóis de cristais em seu subsolo.

[...] o que contribui para se tornar o chakra do coração, além da localização, é o subsolo cheio de cristais e outros elementos. Então, a partir daqui veio assim, lençóis de cristais que vão servir futuramente para comunicações extraplanetárias e galácticas interdimensionais. (Pesquisa Sociologia das Adesões: Práticas Místicas e Esotéricas no Distrito Federal/Grupo Instituto Solarión)

No início do século passado, foram iniciadas atividades de mineração, com a descoberta do primeiro garimpo de cristal de rocha. No período da Segunda Guerra Mundial, essas atividades foram impulsionadas, com a descoberta do uso bélico do cristal (Lima, 1999). Atualmente, o cristal já não tem o mesmo valor econômico de outrora, mas a ele foram dadas inúmeras atribuições, permeadas por uma simbologia que permite visualizá-lo não mais como um simples mineral, ou pedra preciosa, mas como uma pedra dotada de potencialidades mágicas.

[...] nós estamos no maior platô de cristais do planeta, você sabe o poder que o cristal tem de ampliar a energia. Então, exatamente nós estamos no ponto que pulsa o coração da Terra. Por isso qualquer energia que você emanar a partir daqui, com a potencialização do cristal, essa energia vai se multiplicar infinitamente. (Pesquisa Sociologia das Adesões: Práticas Místicas e Esotéricas no Distrito Federal/Grupo Os Cavaleiros de Maytree)

Além desse poder de ampliação de energia que o cristal teria, a ele também é atribuída a potencialidade de cura e, em virtude do seu potencial energético, os pedidos feitos na região dos cerrados, mais precisamente em Alto Paraíso de Goiás, seriam transmutados numa coisa muito maior, porque o cristal possibilitaria tal feito em virtude de seu poder.

O cristal é uma das coisas mais prazerosas, ele age como curador, ele é pacificador, existem milhares de livros a respeito de cristal, tipo assim a cura através de cristais. Existem profissionais que em vez de usar, por exemplo, do-in ou shiatsu, existem profissionais que trabalham unicamente com pedras preciosas, colocam, por exemplo, o cristal num chakra, coloca uma opalina num outro chakra, trabalham com pedras semipreciosas ou preciosas, e no caso do cristal, eu me identifico muito com ele. Cristal tem a ver com gnomos, gnomos têm sempre em áreas de proliferação de cristais, eles trabalham praticamente juntos. [...]. Porque ele [cristal] projeta o seu pedido, por mais fraquinho que seja sua fé e tudo, mas no que bate no cristal o seu apelo, ele transmuta aquilo numa coisa muito grande e faz chegar lá em cima. Aqui eu só vejo um problema que até hoje eu não consegui resolver, são as pessoas que pedem marido, o marido aparece imediatamente, mas não prestam. Eu comecei essa história de marido com a minha própria irmã, que era uma pessoa que desejava se casar novamente e só encontrava quem queria ficar e ela queria casar. Então, um dia eu olhei pra "Baleia" e falei: pôxa queria tanto que minha irmã fosse feliz, ela é uma pessoa tão boa, e ela deseja ardentemente se casar! Em menos de um mês, ela casou, mas a pessoa não era legal. (Pesquisa Sociologia das Adesões: Práticas Místicas e Esotéricas no Distrito Federal/Grupo Tarefairos do Forte Cinco, grifos nossos)

Hoje veio um casal, não sei se você escutou. Ah! Que cristal bonito, eu já fui logo dando o recado para não comprar cristal por aqui, para comprar lá em Cristalina, porque assim eles vão tentar interferir menos, não comprando cristais aqui. A gente não incentiva essa destruição, que a gente viu em São Jorge. São Jorge, o solo todo da cidade cheio de lascas de cristal e a vida das pessoas, que quebraram cristais de forma não adequada ficou horrível. Toda energia ficou quebrada, não se você sente quando vai lá. É uma energia mais agressiva,

sabe? (Pesquisa Sociologia das Adesões: Práticas Místicas e Esotéricas no Distrito Federal/Grupo Instituto Solarion, grifos nossos)

É, portanto, o cristal, um objeto que subjaz a todo o conjunto de práticas, crenças e simbologias da religiosidade místico-esotérica. Ele surge como dotado de potencialidades especiais e faz parte do cotidiano dos adeptos dessas práticas, inclusive passa a ser usado em terapias alternativas e até mesmo nos rituais dos grupos. É tão marcante a crença em suas potencialidades que chega a se ter uma orientação quanto ao seu uso. O fato de as pessoas terem ficado com uma vida horrível seria em função de uma quebra dessa energia poderosa emanada do cristal. O seu uso de maneira inadequada causaria conseqüências gravíssimas à pessoa. Assim, a própria imagem de Alto Paraíso de Goiás como o chakra cardíaco do planeta é reforçada com base na grande concentração desse mineral em seu subsolo.

f) Estilo de vida e conversão

O estilo de vida, que aqui enfatizamos, apresenta algumas peculiaridades que fazem com que de fato ele pareça não estar marcado por uma renúncia total do modo de vida anterior. A princípio, podemos afirmar que “a vivência ou a experiência do sagrado e do religioso se concentra, crescentemente, no indivíduo. É ele quem vai se constituindo em centro nas novas religiosidades, assim como é símbolo da sociabilidade na modernidade” (Siqueira, 2001, p. 1).

Os diversos elementos, acima apresentados, que compõem o conjunto de práticas, crenças, valores e significados do estilo de vida místico-esotérico não eliminam a possibilidade de vivência da modernidade. É como afirmar que a adesão a um grupo ou diversos grupos não significa apagar os traços da socialização anterior, nem mesmo a negação total dos valores hegemônicos da sociedade moderna. Sobre esse ponto, enfatizamos que a centralidade no indivíduo apenas demonstra o quanto a modernidade, como estilo de vida, se sobrepõe ao indivíduo em outros ambientes que ele venha a se localizar.

O individualismo, que no geral caracteriza essas orientações, leva a práticas privadas, sem

grandes mediações clericais, pois podem ser valorizadas por seu aspecto de contato físico ou simbólico com o ‘sagrado’. Ou seja, oferecem a possibilidade de desenvolver uma experiência interior que conduz à auto-realização, a uma melhoria das faculdades e das capacidades mentais, ao encontro de situações de equilíbrio psíquico, emocional e físico, enfim, a um estado de bem-estar geral que se baseia também no manuseio de técnicas práticas. (Siqueira & Bandeira, 1998, p. 268)

A privatização da experiência religiosa é um dos frutos do processo de secularização que caracteriza a sociedade moderna. Sobre esse aspecto, destaca-se o fato de os adeptos dos grupos místico-esotéricos desenvolverem críticas contra uma forma dogmática, clerical e hierárquica que marca as estruturas organizacionais das religiões tradicionais. “Não é para cair de novo, a velha tradição da humanidade do carismático, do líder, que sempre, sempre, sempre conduziu a humanidade pro buraco [...]. Nenhum deles conduziu a humanidade para algo melhor, que prestasse.”⁷ Assim, a busca por uma nova experiência religiosa, marcada pela tentativa de construção de um novo estilo de vida, volta-se contra as formas tradicionais de organização das instituições religiosas.

Nesse sentido, podemos afirmar que o processo de secularização possibilita que a religiosidade possa ser vivenciada sem a tutela institucional de um poder atemporal. “Amando e respeitando a natureza já está amando Deus, não precisa ir à igreja. Religião é um atraso de vida.”⁸ A opção pela vivência e experiência de uma religiosidade sem a presença de uma estrutura hierarquizada e dogmática marca profundamente o estilo de vida místico-esotérico, pelo menos do ponto de vista da busca desse novo estilo. O que não significa, porém, que não haja um certo grau de hierarquização nos grupos. Ao contrário, é possível identificar lideranças que servem como os porta-vozes dos princípios e prescrições que procuram desenvolver. Ressaltamos, contudo, que a própria idéia de

7 Pesquisa Sociologia das Adesões: Práticas Místicas e Esotéricas no Distrito Federal/Grupo Osho.

8. Pesquisa Sociologia das Adesões: Práticas Místicas e Esotéricas no Distrito Federal/Etnografia do Grupo Arcádia Irmandade da Luz Solar.

livre-arbítrio e a religiosidade centrada, sobretudo, no indivíduo tendem a contribuir para a possibilidade não só da crítica ao tradicionalismo religioso, como também para a tentativa de vivência de uma religiosidade não hierarquizada, antidogmática e anticlerical. As próprias lideranças tendem, inclusive, a se negarem enquanto tal.

Além desses aspectos de crítica à forma de organização das religiões tradicionais, destaca-se também que a construção de um novo estilo de vida passa pela necessidade de mudança de comportamento, ou por uma espécie de conversão. Porém, essa mudança que se processa a partir da adesão ao grupo não é suficiente para eliminar a presença marcante da modernidade no “novo” modus vivendi que o indivíduo agora procura desenvolver.

Eu me considero hoje em dia numa fase muito diferente, eu falo menos alto, eu brigo menos, eu sei deixar pra lá, então deixa pra lá! Então, tanto eu e meu marido, a gente vem sofrendo processos de... vamos dizer assim de aprimoramento, não tô achando a melhor palavra, que nos fazem sentir mais em paz com a gente mesmo, eu jamais na minha vida anterior viveria em uma casa inacabada, e hoje em dia eu moro, claro que eu gostaria de terminar o mais rápido possível, mas isso não é prioridade pra mim. A minha prioridade é a pessoa chegar aqui e eu poder acudir, ajudar, essa é a minha prioridade, eu faço às vezes tratamentos pelo telefone, pra quem tá longe, a gente tenta sintonizar e graças a Deus que a gente tá conseguindo resultados muito grandes. Agora deixando completamente a carne, o cigarro e hoje eu só tomo vinho e assim mesmo porque eu tenho uma anemia muito forte. (Pesquisa Sociologia das Adesões: Práticas Místicas e Esotéricas no Distrito Federal/Grupo Tarefeiros do Forte Cinco)

O fato de não comer carne vermelha, ou ser uma pessoa mais feliz, mais calma, a descoberta da paz interior denunciam que a modernidade não é capaz de atender a todas as expectativas do indivíduo, ou mesmo substituir totalmente áreas que, na história humana, têm sido tradicionalmente preenchidas pelo discurso, pela crença e simbologia religiosos. A esse

respeito afirmamos que há, na verdade, uma espécie de adaptação do religioso à forma de organização social vigente. É dessa maneira que religiões tradicionais mudam (Prandi, 1999), para se adaptarem às novas realidades. Da mesma maneira, a forma de manifestação de uma religiosidade difusa, fluida, híbrida e sincrética adapta-se às possibilidades dadas por essa forma de organização social maior que aqui chamamos de modernidade.

Considerações finais

O rompimento dos grupos místico-esotéricos de Alto Paraíso de Goiás com a modernidade é limitado. São desenvolvidas algumas críticas e renúncias ao estilo de vida hegemônico na sociedade moderna. Aspectos tais como consumismo, apego às coisas materiais, dentre outros, são criticados. No entanto, o que se percebe é que essa crítica, e até mesmo a tentativa de renúncia de elementos como estes, não se manifesta totalmente no novo modo de vida buscado.

Talvez o próprio fato de não se verificar uma permanência dos indivíduos nos grupos, que lhes permita assimilar e vivenciar mais decididamente o estilo de vida proposto, impeça que haja uma renúncia mais radical à modernidade. O trânsito religioso dos adeptos das práticas místico-esotéricas impossibilitaria uma vivência mais rígida das orientações propostas. O que há, de fato, é uma busca que se processa individualmente, ou seja, há a possibilidade de se assimilar inúmeros conteúdos de crenças diversas sem aderir a nenhuma delas totalmente. Dessa maneira, nem mesmo a possibilidade de um conflito in foro interno se verificaria, porque a agregação de novos valores, de crenças e simbologias diversas dar-se-ia conforme os anseios do próprio indivíduo.

Certamente, o protestante tradicional, que vivencia sua fé de maneira rígida, não veria com “bons olhos” nem mesmo uma simples visita a um outro tipo de ritual religioso que não pertencesse à sua doutrina. Antes, veria a possibilidade de tal fato como uma ofensa à sua divindade. Esse aspecto está longe de ser realidade quando se trata das novas religiosidades. O trânsito

religioso não é característica apenas dos grupos místico-esotéricos. Até mesmo alguns dos adeptos de doutrinas religiosas denominadas neopentecostais apresentam tal característica, sem falar da mesclagem de religiosidades afro-brasileiras com o catolicismo popular, que também permite ao agente religioso múltiplas experiências de religiosidades diversas.

Mudar de religião não significa, contudo, apagar a religião anterior. Tudo indica que cada mudança agrega uma nova identidade religiosa, cujo sentido é completado na interação com a identidade anterior, à qual se pode voltar definitiva ou temporariamente, o que não raro acontece [...]. Religiões que nunca foram exclusivistas, por serem subalternas, como a umbanda, o catimbó, o candomblé e suas variantes regionais, e em menor grau o kardecismo, têm representado para o católico, a religião majoritária de origem, um algo mais que se agrega à crença anterior, mas que não a anula, de modo que espíritas e afro-brasileiros continuam sendo católicos. Sua crença inicial não é substituída nem rejeitada, mas acrescentada, ampliada por outras fontes, que o dotariam de novos elementos de ajuda na sua luta pela sobrevivência. (Prandi, 1999, p. 14)

É essa possibilidade de não apagar a religião ou religiosidade anterior a partir da adesão a uma nova religiosidade que permite Prandi afirmar que o religioso agora é pouco fiel, mas nem por isso, completaríamos, menos religioso. Consegue vivenciar sua religiosidade com base em seus próprios interesses, sem que as regras doutrinárias e hierárquicas de uma determinada religião, ou mesmo grupo religioso, impeçam-no de praticar, a seu modo, o sincretismo e experienciar a sua espiritualidade.

Voltando aos grupos místico-esotéricos, ainda que identifiquemos uma tentativa de renúncia da modernidade, o que se verifica é que o indivíduo é capaz de comungar de diversas crenças e valores, desenvolvidos em ambientes distintos, mas sem entrar em conflito com a sociedade na qual ele foi socializado. Parece haver muito mais uma agregação de novos valores, do que a total renúncia daqueles que já fazem parte de sua vida. Dessa maneira, o conflito que poderia existir por meio da renúncia

e não-aceitação da sociedade moderna acaba por não se manifestar, havendo, na verdade, a convivência de alguns elementos constituintes dessa sociedade.

Há que se considerar, ainda, o fato de a modernidade apresentar a possibilidade de manifestações dessa natureza. Se, por um lado, ela constitui um vazio, porque tira a magia, desencanta o mundo, como afirma Weber (1985), por outro, ela abre brechas para que esse mesmo vazio possa ser preenchido. Se não pelo consumismo comum ao moderno capitalismo ocidental, então pela religiosidade. Mas não necessariamente por uma religiosidade hierarquizada, rígida em sua estrutura, como acontece nas religiões tradicionais, mas sim por um tipo de religiosidade que não elimina um dos valores mais marcantes dessa sociedade, a saber, a individualidade, que consiste na liberdade de escolha, nas alternativas existentes e, até mesmo, na criação de novas alternativas. Há, nesse sentido, a possibilidade de agir conforme seus próprios interesses, sem que uma instituição imponha uma vontade totalizante e única.

É assim que se constituem novas religiosidades. Por diversas razões, indivíduos criam novos ambientes, ritos e magias que lhes permitem as mais variadas formas de experiência com o sagrado, com o religioso em suas múltiplas formas de manifestação. Porém, não mais limitados a uma doutrina única, tradicional, fechada, com poucas possibilidades de mudanças, mas num espaço que a mesclagem, agregação de valores e crenças, bricolagem de idéias, ressignificações, simbologias e a própria natureza transformada em astro místico-religioso tornam-se possíveis.

Enquanto a história do Ocidente medieval foi marcada pela presença oficial, intolerante e poderosa de um sistema de crença totalizante, o Ocidente atual vê-se envolto por distintas manifestações religiosas. Não se tem mais o poder sobre a vida e sobre a morte dos indivíduos, mas a religiosidade atual ainda se manifesta como um sistema que pode, sim, orientar condutas, mudar hábitos e criar um ethos próprio.

A sociedade que convive com toda essa efervescência chama-se modernidade, multifacetada, orientada para diversos rumos e com uma abertura e tolerância sincrética que permite

manifestações de estilos de vida diferenciados. Podemos agora afirmar que o estilo de vida místico-esotérico não representa total impedimento à vivência da modernidade. Ousamos mesmo pensar que a modernidade, tal como se apresenta hoje, estende-se ou incorpora-se ao estilo de vida místico-esotérico, porque este, por sua vez, não elimina a modernidade, não elimina traços marcantes da socialização moderna. Ao contrário, em alguns casos, chega a acentuá-los de maneira marcante, como é o caso de ver no indivíduo a figura central, formando um tipo de religiosidade que permite não só afirmar que Deus se manifesta nas pessoas e nas próprias coisas, como também, e mais marcante, afirmar que o próprio indivíduo é Deus!

Abstract: This essay is resulted of a research carried through in Alto Paraíso de Goiás, located city the 421 kilometers of Goiânia and 219 of Brasília. The object of our inquiry is characterized as a specific type of religiosity that has marked the experience with the sacred and the spirituality in the society contemporary. We are talking about a fluid, plural and syncretic model of religious experience, called here of mistic-esoteric.

Key-words: modernity, new religious, mysticism.

Referências

ARAÚJO, Odair José Torres de. Modernidade e novas formas de religiosidade: a busca de um novo estilo de vida. Brasília, 2002. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade de Brasília.

BERGER, Peter. O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulus, 1985.

BERMAN, Marshall. Tudo que é sólido se desmancha no ar: a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

DURKHEIM, Émile. As formas elementares da vida religiosa. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

ELIAS, Norbert. A sociedade dos indivíduos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

GIDDENS, Anthony. Conseqüências da modernidade. São Paulo: Editora da Unesp, 1991.

LIMA, Ricardo Barbosa de. Natureza: uma categoria do social: elementos para pensar as representações sociais acerca do mundo natural na região dos cerrados. Brasília, 1999. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade de Brasília.

PRANDI, Reginaldo. Religião, biografia e conversão: escolhas religiosas e mudanças da religião. Rio de Janeiro, 1999. [Mimeo.].

SIQUEIRA, Deis & BANDEIRA, Lourdes. O misticismo no Planalto Central: Alto Paraíso, o chakra cardíaco do planeta. In: DUARTE, Laura Maria & BRAGA, Maria Lúcia de Santana (Orgs.). Tristes Cerrados: sociedade e biodiversidade. Brasília: Paralelo 15, 1998.

SIQUEIRA, Deis. Psicologização das religiões: religiosidade e estilo de vida. Revista Sociedade e Estado: novos movimentos religiosos, v. XIV, n. 1. Brasília: Departamento de Sociologia/UnB, 1999.

_____. A labiríntica busca religiosa na atualidade: crenças e práticas místico-esotéricas na capital do Brasil. Série sociológica, n. 185. Brasília: Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília, 2001.

_____. As novas religiosidades no Ocidente: Brasília, cidade mística. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2003.

TOURAINÉ, Alain. Crítica da modernidade. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

WEBER, Max. A ética protestante e o espírito do capitalismo. São Paulo: Pioneira, 1985.